



Espírito

Revista Digital de Animação Vocacional

Ano III - Janeiro de 2020 - Edição 9



70 Anos de Brasil

100 Anos de Fundação

Nesta Edição

Editorial	03
PALAVRA DA IGREJA.....	04
CONGREGAÇÃO VOCACIONAISTA.....	08
TEMA VOCACIONAL	12
CELEBRAÇÃO VOCACIONAL.....	25

A Revista Espírito Digital é uma publicação da Sociedade Divinas Vocações – Província do Brasil. Rua Esperanto, nº 07, São Caetano . CEP: 40391-232. Salvador-BA.

Equipe de Direção:

Diretor Presidente: Pe. José Carlos Lima SDV.

Diretor Administrativo: Pe. Albino Thiago Santos de Jesus SDV.

Editor Geral: Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV.

Revisor Geral: Pe. Luis Jonas Carneiro de Oliveira SDV.

OBS: Os artigos assinados não representam necessariamente o pensamento da Revista.

Editorial

Estamos iniciando um novo ano. Tempo propício para renovar nossa esperança, especialmente no que se refere à Animação Vocacional. Tendo convicção da importância das vocações, como também tendo consciência do pequeno número de cristãos que respondem positivamente ao chamado à Vida Consagrada e ao Ministério Ordenado, queremos renovar nossa esperança no Deus Trindade que continua chamando. E, imbuídos nesta esperança, queremos renovar nosso compromisso com a busca e o cultivo das vocações.

Este ano de 2020, será para as Congregações Vocacionistas, e para todas as pessoas a nós associadas, um período de júbilo. Para nós, 2020 será um ano de comemorações, momentos de ação de graças e realização de diversos eventos motivados pela comemoração dos 100 anos de fundação da Congregação, assim também como por ocasião do 70º aniversário de presença vocacionista no Brasil.

Neste espírito de trabalho em prol das vocações e ação de graças pelo que tem sido realizado até aqui, apresentamos nesta edição uma palavra do Pe. José Carlos, Provincial Vocacionista do Brasil, além de nossa costumeira celebração vocacional e uma palavra do Papa para nos orientar no serviço vocacional. Achamos por bem incluir um artigo sobre Teologia da Vocação, escrito por José Lisboa (em memória), que durante muitos anos trabalhou pelas vocações através de importantes artigos vocacionais nesta Revista Espírito.

Com este pequeno material esperamos estar colaborando sempre mais neste campo de ação que a Igreja tanto precisa. Que Nossa Senhora das Divinas Vocações, mãe atenta e dedicada, esteja ao nosso lado nos ajudando no decorrer de mais um ano.

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV
(editor)

PALAVRA DA IGREJA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO: DIA MISSIONÁRIO MUNDIAL¹ 20/10/2019

Quero tomar três palavras das Leituras escutadas: um substantivo, um verbo e um pronome. O substantivo é *o monte*: dele profetiza Isaías, quando nos fala de um monte do Senhor, dominando sobre as colinas, para onde acorrerão todas as nações (cf. *Is 2, 2*). E o monte reaparece no Evangelho: depois da sua ressurreição, Jesus indica aos discípulos como local de encontro um monte da Galileia, precisamente aquela Galileia habitada por muitas populações diferentes, a «Galileia dos gentios» (cf. *Mt 4, 15*). Em suma, o monte parece ser o lugar onde Deus gosta de marcar encontro com toda a humanidade. É o lugar do encontro connosco, como mostra a Bíblia a começar do Sinai, passando pelo Carmelo até Jesus, que proclamou as Bem-aventuranças no monte, transfigurou-Se no monte Tabor, deu a vida no Calvário e subiu ao Céu no monte das Oliveiras. O monte, lugar dos grandes encontros entre Deus e o homem, é também o sítio onde Jesus passa horas e horas em oração (cf. *Mc 6, 46*), para unir terra e Céu, unir-nos, nós seus irmãos, ao Pai.

A nós, que nos diz o monte? Que somos chamados a aproximar-nos de Deus e dos outros: aproximar-nos de Deus, o Altíssimo, no silêncio, na oração, afastando-nos das maledicências e boatos que poluem; e aproximar-nos também dos outros, que, vistos do monte, aparecem-nos noutra perspetiva, a de Deus que chama todos os povos: vistos de cima, os outros aparecem-nos no seu todo e descobre-se que a harmonia da beleza só é dada pelo conjunto. O monte lembra-nos que os irmãos e as irmãs não devem ser selecionados, mas abraçados com o olhar e sobretudo com a vida. O monte liga Deus e os irmãos num único abraço, o da oração. O monte leva-nos para o alto, longe de tantas coisas materiais que passam; convida-nos a redescobrir o

¹ Fonte: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191020_omelia-giornatamissionaria.html

essencial, o que permanece: Deus e os irmãos. A missão começa no monte: lá se descobre aquilo que conta. No coração deste mês missionário, interroguemo-nos: Para mim, o que é que conta na vida? Quais são as altitudes para onde tendo?

E o substantivo monte aparece acompanhado por um verbo: *subir*. Isaías exorta-nos: «Vinde, *subamos* à montanha do Senhor» (2, 3). Nascemos, não para ficar em terra contentando-nos com coisas triviais, mas para chegar às alturas encontrando Deus e os irmãos. Para isso, porém, é preciso subir: é preciso deixar uma vida horizontal, lutar contra a força de gravidade do egoísmo, realizar um êxodo do próprio eu. Por isso, subir requer esforço, mas é a única maneira para ver tudo melhor, como o panorama mais bonito ao escalar a montanha só se vê no cimo e, então, compreendemos que o único modo possível para o abarcar era seguir aquela vereda sempre em subida.

E como não é fácil subir ao monte se formos carregados de coisas, assim na vida é preciso alijar o que não serve. É também o segredo da missão: para partir é preciso deixar, para *anunciar* é preciso *renunciar*. O anúncio credível é feito, não de bonitas palavras, mas de vida boa: uma vida de serviço, que sabe renunciar a tantas coisas materiais que empequenecem o coração, tornam as pessoas indiferentes e as fecham em si mesmas; uma vida que se separa das inutilidades que atafulham o coração e encontra tempo para Deus e para os outros. Podemos interrogar-nos: Como procede a minha subida? Sei renunciar às bagagens pesadas e inúteis do mundanismo para subir ao monte do Senhor? Faço a minha estrada subindo à minha custa ou usando os outros?

Se o monte nos lembra o que conta – Deus e os irmãos –, e o verbo subir, o modo como lá chegamos, há uma terceira palavra que hoje ressoa como a mais forte. É o pronome *todos*, que prevalece nas Leituras: “*todas* as nações”, dizia Isaías (2, 2); “*todos* os povos”, repetimos no Salmo; Deus “quer que *todos* os homens sejam salvos”, escreve Paulo (1 Tm 2, 4); “ide, pois, fazei discípulos de *todos* os povos”, pede Jesus no Evangelho (Mt 28,19). O Senhor obstina-Se

a repetir este “*todos*”. Sabe que somos teimosos a repetir “meu” e “nosso”: as minhas coisas, a nossa nação, a nossa comunidade... e Ele não Se cansa de repetir “*todos*”. Todos, porque ninguém está excluído do seu coração, da sua salvação; todos, para que o nosso coração ultrapasse as alfândegas humanas, os particularismos baseados nos egoísmos que não agradam a Deus. Todos, porque cada qual é um tesouro precioso e o sentido da vida é dar aos outros este tesouro. Eis a missão: subir ao monte para rezar por todos, e descer do monte para se doar a todos.

Subir e descer... Assim o cristão está sempre em movimento, em saída. Realmente, no Evangelho, o mandato de Jesus é “*ide*”. Todos os dias nos cruzamos com tantas pessoas, mas – podemos-nos interrogar – vamos ter com as pessoas que encontramos? Assumimos o convite de Jesus ou ocupamo-nos apenas das nossas coisas? Todos esperam algo dos outros, o cristão *vai* ter com os outros. A testemunha de Jesus nunca se sente em crédito do reconhecimento de outros, mas em dívida de amor com quem não conhece o Senhor. A testemunha de Jesus vai ao encontro de todos, e não apenas dos seus, do seu grupinho. Jesus diz também a ti: “Vai; não percas a ocasião de testemunhar!” Irmão, irmã, o Senhor espera de ti o testemunho que ninguém pode dar em tua vez. “Oxalá consigas identificar a palavra, a mensagem de Jesus que Deus quer dizer ao mundo com a tua vida (...), e assim a tua preciosa missão não fracassará” (Francisco, Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 24).

Para ir ao encontro de todos, que instruções nos dá o Senhor? Uma só e muito simples: *fazei discípulos*. Mas, atenção! Discípulos *d’Ele*, não nossos. A Igreja só anuncia bem, se viver como discípula. E o discípulo segue dia a dia o Mestre e partilha com os outros a alegria do discipulado. Não conquistando, obrigando, fazendo prosélitos, mas *testemunhando*, colocando-se ao mesmo nível – discípulo com os discípulos –, oferecendo amorosamente o amor que recebemos. Esta é a missão: oferecer ar puro, de alta quota, a quem vive imerso na poluição do mundo; levar à terra aquela paz que nos enche de alegria, sempre que encontramos Jesus no monte, na oração; mostrar,

com a vida e mesmo com palavras, que Deus ama a todos e não se cansa jamais de ninguém.

Queridos irmãos e irmãs, cada um de nós tem, melhor, é uma missão nesta terra (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273). Estamos aqui para testemunhar, abençoar, consolar, erguer, transmitir a beleza de Jesus. Coragem! Ele espera muito de ti! O Senhor prova uma espécie de ânsia por aqueles que ainda não sabem que são filhos amados pelo Pai, irmãos pelos quais deu a vida e o Espírito Santo. Queres acalmar a ânsia de Jesus? Vai com amor ao encontro de todos, porque a tua vida é uma missão preciosa: não é um peso a suportar, mas um dom a oferecer. Coragem! Sem medo, vamos ao encontro de todos!



CONGREGAÇÃO VOCACIONISTA

Jubileus das Congregações Vocacionistas. 100 anos de fundação e 70 de presença no Brasil

Pe. José Carlos Lima, SDV

Introdução

Neste artigo, quero propor uma singela reflexão sobre o momento jubilar que nossas Congregações Vocacionistas estão celebrando. Não tratarei aqui, a partir de uma ótica histórica, ou apenas celebrativa, mas sim, numa perspectiva reflexiva, do seu significado, e do que este deve causar em nós.

Contexto

No dia 18 de outubro de 2019, iniciamos as celebrações dos cem anos de fundação das Congregações Vocacionistas, (Religiosos e Religiosas). Com o tema “Nos passos do Padre Justino à serviço das vocações”. E, no próximo mês de janeiro de 2020, iniciaremos as comemorações dos setenta anos de presença Vocacionista no Brasil. Um tempo de graça, um tempo jubilar, um tempo de festa, mas também um tempo de profunda reflexão, avaliação e atuação de nossa vivência carismática no Brasil e no mundo.

Jubileu

Tomando como princípio a concepção hebraica de termo jubileu, que era a de que, a cada 50 anos, devia acontecer o perdão das dívidas e penas, como também a libertação dos escravos, queremos atualizar para nós esta ideia de jubileu, que acho extremamente oportuna e significativa. Digo, para nós Vocacionistas, que estamos vivendo este tempo jubilar com as celebrações dos cem anos de fundação das Congregações, no mundo e de setenta de presença no Brasil.

Reflexão

Como sabemos, o Bem Aventurado Justino, quando fundou as congregações vocacionistas, teve como motivação principal o “cuidado com as vocações”, por isso, instituiu como carisma para as referidas congregações “a procura e cultivo das vocações”. Retomando a concepção hebraica de jubileu, vista acima, não podemos celebrar estes momentos de nossa caminhada, no mundo e no Brasil, sem contudo, nos perguntar: de quais dívidas precisamos pedir perdão? E de quais, precisamos ser perdoados?

Acredito que ao longo destes cem anos, de existência da Congregação no mundo, e de setenta de presença no Brasil, não podemos celebrar estes eventos, sem um profundo e acurado exame de consciência, no qual, possamos nos confrontar com as nossas fragilidades e infidelidades à intuição carismática fundacional, do nosso Fundador, mas também precisamos pedir perdão pelas vezes que por conveniências, ou comodismos, não soubemos atualizar este carisma a cada tempo vivido. Temos também a consciência de que ao longo desta bonita história, mesmo que marcada por fragilidade e debilidades, sofremos com incompreensões, desvalorizações, incorrespondências, etc. Basta lembrar, aqui, as situações difíceis enfrentada pelo Bem Aventurado Justino, no início da fundação, sejam estas externas e internas, e tantas outras ao longo da nossa história. Por tudo isso, ou de tudo isso necessitamos ser perdoados, mas se isto não é possível, porque pessoas ou realidades já não são mais presentes, devemos pedir a Deus, a graça de nos libertar, ou seja que estas não nos atrapalhe nem nos amarrem, deixando de avançarmos no serviço de animação vocacional, e em tudo e por tudo, sabermos agradecer, escutar e acompanhar, “aqueles que nos confias no discernimento vocacional”.

Provocações

Para nós, no Brasil, e acredito que em grande parte do mundo a celebração do ano jubilar está sempre associada a festa de boda, bodas de madeira, de cristal de prata, de ouro, etc.

A celebração de 100 anos de fundação da congregação, corresponde

então a bodas de jequitibá, que em sua conceituação se diz ser uma árvore com troncos grandes, tanto em comprimento como em diâmetro. Que bela reflexão poderíamos desenvolver sobre isto, traçando um paralelo entre a árvore (jequitibá) e a congregação, que celebra seu primeiro centenário de fundação.

Mas, queremos apenas aqui fazer-nos algumas considerações e questionamentos: Que raízes precisamos aprofundar? Para que a árvore (congregação) se desenvolva cada vez mais com robustez? Que espaços (diâmetros) precisamos ocupar? Que níveis (altura) já atingimos e quais outros precisamos atingir? Aqui, penso que nos ajudará a refletir o pensamento ascensional do Bem Aventurado Justino, nosso fundador. “Sempre mais, sempre melhor, sempre para o alto”. E como iluminação bíblica dentre tantas outras acerca de arvores, podemos ficar com aquela do profeta Jeremias: “Ele como uma árvore plantada junto da água, que lança suas raízes para a corrente: ela não teme quando chega o calor, sua folhagem permanece verde; em um ano de seca ela não se preocupa e não para de produzir frutos” (Jr 17,8).

Para nós, do Brasil que estamos celebrando 70 anos de presença vocacionista no país, as bodas correspondente são as de vinho, e que penso também suscitar uma rica e bonita reflexão, e acredito que não encontraríamos instrumento melhor para meditar e celebrar se não o texto bíblico do Evangelho de João (2, 1-11). Tomando-o como texto motivador, nos deixando questionar e provocar por ele.

No texto, a Virgem Maria, que nós vocacionistas, a chamamos de Mãe das Divinas Vocações, percebe, a falta do vinho, elemento indispensável para a continuidade da festa. Esta atitude de Maria pode nos interpelar com alguns questionamentos, como por exemplo: Que sensibilidade estamos tendo para com as vocações e para com a sua falta? Como estamos vivendo o nosso ser consagrado vocacionista, em nosso tempo e nossas realidades? Ela mesmo, Maria, diante do questionamento de Jesus, “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou?” (Jo 2,4), não desanimou, nem desistiu, confiou e disse aos serventes: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5), e o milagre aconteceu.

Jesus manda encher as talhas, (cf Jo 2,7). Temos ouvido e obedecido este mandato do Senhor, em nosso serviço de Animação Vocacional? Este é um momento forte para nos deixar interpelar.

Dentre tantos outros questionamentos que o referido texto nos propõe, devemos nos indagar, ainda: Que talhas precisamos encher? Qual a qualidade de vinho estamos oferecendo como consagrados vocacionistas? Como Congregação, como Província? Como animadores vocacionais? A que, e a quem estamos servindo? Que alianças precisamos firmar, para fortalecer nosso serviço às vocações? De modo particular aquelas mais desprovidas de meios.

O texto das bodas de Caná termina dizendo que, sob o apelo de Maria e o mandato de Jesus, os serventes encheram as talhas e a transformação aconteceu. A festa continuou. Assim também nós, vocacionistas, nestes jubileus devemos os serventes das vocações encher as nossas talhas.

Conclusão

Iluminados e motivados por estes anos jubilares de nossas Congregações, intensifiquemos com confiança nossas suplicas e ações em favor das vocações, e peçamos pela intercessão da virgem Maria, mãe das vocações e do Bem Aventurado Justino da Santíssima Trindade, uma renovada fidelidade e uma profunda conversão ao nosso carisma fundacional, e ardente desejo cultivar as vocações.



TEMA VOCACIONAL

A TEOLOGIA E A ECLESIOLOGIA DA VOCAÇÃO²

José Lisboa Moreira de Oliveira, SDV

INTRODUÇÃO

No Brasil constata-se uma ausência de uma teologia da vocação. É verdade que avançamos na produção de subsídios de Pastoral Vocacional (PV), mas faltam textos de teologia vocacional que possam nos ajudar no aprofundamento desta temática. Esta questão da falta de uma teologia que fundamente a práxis da PV não é um problema somente do Brasil. Também a nível mundial a reflexão teológica em torno do tema da vocação é ainda muito tímida. Isto foi constatado há algum tempo atrás numa pesquisa realizada pela Santa Sé e publicada em 1992. Tal pesquisa, fruto de uma consulta às conferências episcopais e às conferências de religiosos, revela que “falta ainda um estudo sistemático” deste argumento. Constata que existe pouco interesse nas escolas teológicas e entre os teólogos, no sentido de aprofundar este assunto (cf. Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares, n. 39, Col. “Doc. Pontifícios”, Vozes, nº 244).

Esta ausência de uma teologia vocacional não deixa de ser negativa, enquanto a práxis permanece sem uma fundamentação teológica. A falta desta fundamentação teológica, por sua vez, leva, geralmente, a improvisação: a PV deixa de ser uma constante, algo permanente, para tornar-se um “apêndice”, atividade esporádica realizada de vez em quando por algumas pessoas (cf. DPVIP, 37). Torna-se, pois, “necessário aumentar o esforço em vista de uma conveniente fundamentação bíblica e teológica das vocações, para evitar o perigo de uma visão puramente funcional da pastoral das vocações” (DPVIP, 31).

I. TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

² Publicado originariamente em Revista Espírito 65 (1996) 22-31.

1. A vocação como chamado à comunhão com a Trindade

A partir do concílio Vaticano II voltou-se a perceber a Igreja como sendo “o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Esta nova visão da comunidade eclesial contribuiu muito para uma redefinição da vocação, vista agora como chamado à comunhão com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. A partir do Vaticano II vai-se configurando cada vez mais a dimensão trinitária da nossa vocação. O segundo congresso internacional das vocações (Roma, 1981), no seu documento conclusivo, explícita de forma definitiva e muito clara esta dimensão trinitária: “Cada vocação está ligada ao desígnio do Pai, a missão do Filho, à obra do Espírito Santo. Cada vocação é iluminada e fortalecida à luz do mistério de Deus” (2º CIV, 7).

2. A VOCAÇÃO COMO RELAÇÃO

Ao realçar esta dimensão trinitária da vocação os textos acima mostram também a ligação que existe entre a vocação, a vida e consequentemente a espiritualidade. A vocação passa a ser entendida como relação pessoal com Deus vivida no interior de uma comunidade bem concreta. Deus chama para um encontro com Ele, a partir das solicitações de um povo que sofre (cf. Ex 3,1-10; Jr 1,4-10). A vocação é, pois, uma “sedução” (Jr 20,7), uma “conquista do coração” (Os 2,16) por parte de Deus para uma vida de intimidade, de comunhão com Ele. É um convite para ficar com Ele, para participar da sua vida (cf. 1 Ts 4,17; Jo 17,24; 1 Pd 5,1).

Sendo convite para uma relação de intimidade com a Trindade, a vocação aparece também como chamado à santidade, isto é, à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Vocação é, pois, comportar-se como o Pai se comporta (Mt 5,48). Vocação é chamado para amar, é chamado ao serviço

(1 Jo 4, 7-21; Mc 10,45). Tinha então razão Teresa de Lisieux quando, nos seus Manuscritos Autobiográficos, escrevia: “Percebi e reconheci que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, abraça todos os tempos e lugares, numa palavra, o amor é eterno. Então, delirante de alegria,

exclamei: Ó Jesus, meu amor, encontrei afinal minha vocação: minha vocação é o amor”.

3. VOCAÇÃO À COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO

A vocação é amar, é servir, e relacionar-se com a Trindade, a partir do encontro, da relação com o próximo. Ela é comunicação, isto é, vida de comunhão e de participação. Responder ao chamado é inserir-se na vida da comunidade; é tomar parte ativa na construção do Reino. Vocação não é isola-

mento, busca de satisfações, de “realização pessoal”. Não é realização de “projetos pessoais”, mas o dar a vida pela defesa da vida (Jo 10,11; 15,13).

Puebla enfatizou bastante este aspecto da vocação ao afirmar: “Este chamamento pelo Batismo, Confirmação e Eucaristia para sermos povo seu, chama-se COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO na missão e na vida da Igreja e, portanto, na evangelização do mundo” (P 852). Chamados a ser povo, a comungar, a participar na vida e na missão da comunidade eclesial. Estes são elementos que não podem de forma alguma serem esquecidos hoje, neste mundo da pós-modernidade, marcado por uma grande tendência ao individualismo. Precisamos insistir com muita ênfase sobre isto em nosso trabalho vocacional.

Esta visão de vocação como chamado à comunhão e participação nos leva a descobrir, como elemento essencial do chamamento, a vida de fraternidade, de solidariedade. Isto quer dizer que faz parte da essência da vocação o desejo, a vontade, o compromisso de “reproduzir” na Igreja e no mundo o tipo de relação que existe no seio da Trindade. A participação na comunhão trinitária exige a comunhão fraterna entre nós (P 326-327). Não ‘pode ser sincera uma relação de comunhão com Deus quando ela não se repercute também no relacionamento com os irmãos e irmãs. Nossa vocação é um chamado para amar a Deus, mas não ama a Deus quem não ama o seu próximo (1 Jo 4,20). Consequentemente não é autêntica aquela vocação que não se abre à solidariedade. A Trindade permanece como modelo da comunhão que deve brotar da vivência da nossa vocação (P 212). Esta vida de comunhão, por sua vez, dá autenticidade a nossa vocação. Ela é o

sinal mais claro de que estamos realmente vivendo numa intensa comunicação com a Trindade (P 215).

4. DIMENSÕES DA VOCAÇÃO

Porque a vocação é comunhão com a Trindade, que se traduz concretamente na experiência de verdadeira irmandade, vemos a necessidade de se insistir, no campo teológico, sobre três dimensões essenciais da mesma. Já o documento de Puebla chamava a nossa atenção para esta realidade (P 854). O Guia pedagógico de Pastoral Vocacional da CNBB (1983) retoma esta questão, completando e comentando a afirmação de Puebla. São aspectos inseparáveis, complementares que marcam profundamente a vida e a opção do vocacionado. Por isso vale a pena estudá-los separadamente, mesmo sabendo que eles não devem nunca ser vistos como elementos autônomos, isolados. Nenhuma destas dimensões subsiste separadamente, mas cada uma está em profunda relação de interação com as demais.

- a) **Dimensão antropológica:** trata-se, como diz Puebla, do chamado para ser pessoa humana. Isto quer dizer que, antes de qualquer coisa, o vocacionado tem que ser gente, com todas aquelas qualidades que caracterizam o ser humano. Uma atenção particular deve ser dada à capacidade de relacionar-se bem com as demais pessoas, já que a pessoa humana foi criada por Deus como ser social. Como já vimos acima, a vocação é sempre dialogal. Por isso ela só se concretiza “nas relações interpessoais, sejam elas as da família, da amizade ou do coleguismo, das comunidades pequenas ou grandes de que participa” (GPPV, 27) o ser humano. Não é possível, pois, falar-se de vocação verdadeira, deixando de lado as exigências da natureza humana.
- b) **Dimensão cristã ou eclesial:** é o chamado a viver o nosso batismo, o apelo à santidade, através de uma participação ativa na vida da comunidade. É o viver em comunhão com Deus na comunhão e cooperação com os demais irmãos e irmãs. Aparece, neste caso, a importância do compromisso e do engajamento, do assumir o próprio batismo. Vale muito ressaltar

esta dimensão batismal da nossa vocação na sua tríplice missão: profética, sacerdotal e real. Do mesmo modo é preciso insistir sobre a dignidade de todas as vocações e, portanto, de todos os membros do povo de Deus. Existe uma variedade de vocações, de carismas, mas todos e todas possuem a mesma dignidade. Ninguém é superior a ninguém, ninguém é melhor do que ninguém (LG 32). Isto mostra também que todos e todas, na Igreja, são chamados e chamadas ao apostolado. Todos e todas temos a mesma missão.

- c) **Dimensão específica:** toda vocação, mesmo sendo vivida na comunidade e a serviço da comunidade, é personalizada. Ou seja: cada cristão ou cristã responde ao chamado do Pai de acordo com os dons e carismas recebidos do Senhor. Assim sendo, a “vocação específica” (leiga, de vida consagrada ou ministerial) é a forma concreta que permite a cada batizado ou batizada
- d) de dar a sua contribuição própria para a construção do Reino de Deus. Esta dimensão da vocação quer chamar a nossa atenção para a singularidade de cada pessoa, enquanto “palavra de Deus irrepetível” (cf. GPPV, 32). Não se pode, na questão vocacional, deixar de considerar também a diversidade de aptidões, de qualidades pessoais e as circunstâncias nas quais brota e se desenvolve o chamado de Deus. Não se esqueça, porém, que, mesmo realizando de forma pessoal a vocação comum, o cristão ou cristã deve direcioná-la para a comunidade. De fato, se é verdade que o único e mesmo Espírito distribui os seus dons a cada um conforme ele quer (1Cor 12,11), é também verdade que todo dom, sem exceção, é para a utilidade de todos, para o bem da comunidade (1Cor 12,7).

5. TEOLOGIA DO CARISMA E DA MISSÃO

Não se pode falar de vocação sem uma referência concreta ao tema do carisma e da missão. Ambos estão intimamente ligados ao dinamismo da vocação.

Os carismas, segundo a teologia paulina (1 Cor 12,4—31) são dons diferentes, serviços diferentes, diferentes modos de agir, suscitados pelo Espírito, e destinados à edificação da comunidade cristã. Poderíamos então dizer que os carismas são dons do Espírito que tornam o cristão apto para o exercício da própria vocação em favor de toda a comunidade (LG 12). Os carismas são serviços concretos, atividades concretas que possibilitam a vivência de uma determinada vocação específica. Existe, pois, uma pluralidade de carismas. Para cada forma de vocação podem existir uma diversidade imensa de carismas. Enquanto meios concretos de atuação de uma determinada forma de vocação, os carismas não são apenas dons extraordinários concedidos a pessoas extraordinárias. Eles são elementos comuns que fazem parte do cotidiano da comunidade e não apenas privilégio de alguns (LG 12). Uma das funções específicas da PV é ajudar o vocacionado ou vocacionada a perceber os carismas que o Espírito está suscitando em sua vida, a fim de que possa descobrir o seu verdadeiro lugar na igreja (cf. J. L. M. DE OLIVEIRA, *Vocação e Carisma. Ensaio de Teologia Vocacional, Vit. da Conquista*, 1984, págs. 19-26).

Vocação e carismas não são fins a si mesmos. Existem para a missão. Por isso toda reflexão sobre a vocação requer também algo sobre a missão. Dentro deste contexto de uma teologia da vocação é indispensável destacar a questão da missionariedade da igreja. Precisamos insistir muito ainda sobre a verdade de que a igreja inteira, toda ela, todos os batizados e batizadas, são sujeitos da missão. Além disso, é preciso dizer que esta missionariedade deve ser vivida em toda parte, em todos os níveis e em todos os tempos. Em seguida precisamos definir o que é a missão. Trata-se de evangelizar, isto é, de anunciar a salvação, a boa nova da libertação operada por Cristo. Tal anúncio, dentro da situação atual do mundo, deve ser essencialmente do Evangelho da Vida (JOÃO PAULO II), ajudando a humanidade a fazer a história, a contribuir para uma “nova criação”, construindo no aqui e agora uma sociedade nova e diferente, numa clara e contundente opção preferencial pelos pobres.

Tudo isto mostra que a missão é para o mundo e se desenvolve no

mundo, ou seja, uma missão que tenha um compromisso efetivo com o bem da pessoa humana na sua totalidade; que leve o cristão e a cristã a aproximar-se, com os olhos e com o coração, daqueles e daquelas que sofrem e passam fome, dos que estão quase mortos (Lc 10,25-37). Sendo serviço à humanidade, a missão, como a vocação, possui uma dimensão comunitária e uma dimensão pessoal. Comunitária porque ela é antes de tudo confiada à Igreja, enquanto *ekklesia*, isto é, comunidade convocada e reunida pela Trindade. Pessoal, enquanto cada fiel tem o seu jeito de vivenciar a missionariedade da Igreja (cf. J. L. M. DE OLIVEIRA, “A vocação missionária”, in *Espírito*, nº 61, págs. 6-17).

6. TEOLOGIA DA VOCAÇÃO NUM CONTEXTO DE MODERNIDADE

Ao abordarmos o tema da teologia da vocação, não podemos esquecer o contexto no qual nós estamos vivendo. Tal contexto é o da modernidade ou, como querem alguns, o da pós-modernidade. Aqui uma das características principais é o da valorização do indivíduo, da pessoa, chegando mesmo ao extremo do individualismo.

Tendo presente esta realidade, não basta que a teologia da vocação ressalte a iniciativa divina no chamado (Jo 15,16). Ela terá também que mostrar com a mesma ênfase e entusiasmo que o apelo do Pai é dirigido à pessoa humana livre (Mt 19,21; Gn 1,28-31). Torna-se, pois, indispensável entender bem a questão da predestinação (Ef 1,4; Jr 1,5) na sua relação com a dinâmica da vocação, com a dinâmica do chamado do Senhor. O projeto de Deus para uma pessoa não é algo estático, pré-determinado, pré-estabelecido, mas um apelo que se faz através de mediações bem concretas (Jo 1,85-50). Deste modo a pessoa pode dizer “sim” (Lc 1,38), fazendo acontecer a história da salvação, ou dizer “não” (Mt 19,22) e frustrando o projeto de amor do Pai.

7. TEOLOGIA DAS VOCAÇÕES ESPECÍFICAS

No que diz respeito a teologia das vocações específicas, convém observar o seguinte:

- a) **Vocação do (a) cristão (ã) leigo (a):** é preciso dizer, antes de tudo, que esta é a vocação básica, enquanto é a vocação batismal, da qual dependem as vocações de especial consagração. Outro dado importante, mencionado inclusive por Santo Domingo (SD 94), é que os leigos são maioria na Igreja. Pode parecer um detalhe sem significado do ponto de vista teológico, mas numa Igreja ainda marcada por um excessivo clericalismo, isto representa algo muito profundo. A teologia da vocação do cristão leigo, da cristã leiga, deverá insistir sobre a necessidade de mais espaços de participação e de poder
- b) de decisão para os leigos e leigas. Isso em decorrência de um direito que nasce do sacramento do batismo. Temos aqui as bases teológicas para iluminar o tão falado, mas pouco praticado protagonismo dos leigos (SD 97). A partir destes pressupostos, a teologia da vocação do leigo e da leiga é chamada a aprofundar o específico desta vocação que é a índole secular, entendida como inserção nas realidades temporais, participação nas atividades terrenas (CfL 17), evitando qualquer tipo de reducionismo ao “intra-ecclesial” (8D 97). Ajudará assim a alargar o conceito de engajamento. visto antes de tudo
- c) como compromisso de transformação da sociedade.
- d) **Vocação da vida consagrada:** o aprofundamento teológico da vocação da vida consagrada se fará antes de tudo a partir da dimensão simbólica da mesma (LG 44). A vida consagrada fala mais pelo que ela é do que pelo que ela faz. Em consonância com esta realidade, somos chamados a contextualizar melhor o significado dos votos, da vida comunitária e de outros elementos da vida consagrada. A questão da especificidade deste tipo de vocação não pode ficar esquecida. Ela, sem dúvida alguma, passa pelo seguimento radical de Jesus

Cristo, pela liminalidade, isto é, pelo apelo a ser, na Igreja, profecia, utopia, a vanguarda, ponta-de-lança.

- e) **Vocação dos ministros ordenados:** o trabalho da teologia da vocação dos ministérios ordenados será determinar, com mais clareza, o específico do ministério. Sabemos como é ainda forte o “monopólio pastoral” por parte dos ministros ordenados. Este trabalho de pesquisa teológica poderá contribuir para a superação de uma “pastoral de manutenção e de administração” ainda muito forte na mentalidade dos nossos ministros. Pontos como o celibato, a inserção no presbitério da Igreja local também exigem um maior aprofundamento. Dito isto pode-se concluir que a vocação dos ministros ordenados é aquela de ser “serviço da unidade da comunidade” (P 661) em torno da eucaristia, “raiz e eixo de toda comunidade” (P 662). O específico dos ministros ordenados é a presidência da comunidade, ser sacramento de Cristo Pastor e Cabeça da Igreja (P 659). Nada mais além do que isso (cf. J. L. M. DE OLIVEIRA, “A vocação em Santo Domingo”, in Espírito, nº 54, 12—29).

II. ECLESIOLOGIA DA VOCAÇÃO

Não resta dúvida de que, muitas vezes, “as dificuldades, no que respeita às vocações, estão ligadas a um conhecimento insuficiente da Igreja” (DPVIP, 81). Por isso, para que 3 PV possa desenvolver-se plenamente, é indispensável uma profunda reflexão sobre a Igreja.

1. Qual Igreja?

É sem dúvida alguma a primeira pergunta a ser feita. Qual o modelo de Igreja ao qual nos referimos quando fazemos pastoral vocacional? Certamente não poderá ser um modelo qualquer. Penso que o modelo mais correto, que mais favorece o desenvolvimento de uma autêntica PV, seja aquele construído pelo concílio Vaticano II: Igreja-Comunidade convocada pela Trindade, “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Somente esta visão

de Igreja contribui para que todos os seus membros vivam em estado de vocação e de missão (29 CIV, 8), sentindo-se convocados pelo Pai para o serviço ao Reino. Numa Igreja fortemente piramidal, predominantemente hierárquica, isto é, clericalizada, dificilmente as pessoas sentir-se-ão num estado permanente de vocação e de missão.

2. Igreja de comunhão e participação

Somente uma Igreja imagem da Trindade pode tornar-se o espaço adequado para o surgimento e desenvolvimento das vocações. Isto porque nela a “unidade dos fiéis que constituem um só corpo em Cristo” (LG 3) na igual dignidade e na variedade de funções (LG 32) abre espaço para a comunhão e participação. Somente numa Igreja assim existe a presença de instrumentos e de organismos que permitem o engajamento de todos os fiéis e abrem caminho para o surgimento das diversas vocações. Só aqui os jovens encontram “um terreno eficaz para o amadurecimento humano, cristão e apostólico” (2º CIV, 40).

3. Igreja mãe das vocações

Tal Igreja é, ao mesmo tempo, mãe das vocações. Sente-se chamada e ao mesmo tempo convocada a chamar. Ela tem consciência de ser uma comunidade de pessoas chamadas que, por sua vez, torna-se apelo vivo da Trindade (2º CIV, 13). Este modelo de Igreja comunhão—participação “se identifica com todas as vocações de que ‘é constituída. Nela recebem os batizados o chamamento universal ao sacerdócio comum dos fiéis e a santidade. Nela surgem, por dom do Espírito Santo, os chamamentos especiais para os ministérios ordenados, para a consagração religiosa e secular e para a vida missionária. Ela é, pois, a reunião de todos quantos, em comunhão com o seu bispo e entre si, são chamados pelo Pai ao seguimento do Senhor Jesus, de cordo com os carismas do Espírito” (2º CIV, 15). E porque há esta identificação, todos sentem-se responsáveis pelas vocações (2º CIV, 29-41).

4. Igreja “encarnada”

A Igreja onde as vocações podem brotar é aquela que escuta o clamor do povo (P 93) e que vive em processo permanente de renovação (P 100). Uma Igreja que não reclama privilégios (P 1212), mas vive no mundo e na sociedade a sua missão profética, denunciando as injustiças e anunciando a utopia evangélica de uma sociedade nova, mais humana e mais fraterna (P 1213). Terá que ser uma Igreja capaz também de dialogar com a sociedade pluralista (P 1037) e não apenas a Igreja da apologética e da defensiva.

Trata-se, pois, de uma Igreja servidora, toda “ministerial” (de *minus stare*), isto é, onde todos e todas, sem exceção, são chamados e chamadas a servir. Somente numa Igreja assim, “os jovens descobrem a realidade em que vivem, e os ministérios e serviços de que a comunidade tem necessidade. E os compromissos de hoje, se isso estiver nos desígnios do Senhor, podem ser prelúdio de uma consagração definitiva para toda a vida” (29 CIV, 43). Nesta Igreja-Comunidade ministerial os jovens e as jovens não são apenas elementos passivos que tudo recebem, mas agentes ativos, participantes e responsáveis, verdadeiros protagonistas, de acordo com os carismas e as possibilidades de cada um, de cada uma (cf. *ibidem*).

III. INDICAÇÕES PRÁTICAS PARA A PV

Estas reflexões sobre a teologia e & eclesiologia da vocação nos apontam algumas indicações práticas para a PV. Elenco aqui apenas as mais importantes:

1. A necessidade de aprofundar o conceito teológico de vocação, avaliando sempre que tipo de teologia sustenta a nossa prática. “Uma correta impositação da proposta deve fundar-se necessariamente numa sólida teologia da vocação e das vocações, em sintonia com a eclesiologia do Vaticano II” (DPVIP, 30).
2. Partindo desta avaliação do tipo de teologia, verificar constantemente a visão que se tem de Deus. De qual “deus” es-

tamos falando na PV? É o Deus de Jesus Cristo? É o Deus Trindade, Comunidade de Amor? Para se fazer uma boa PV “é necessário subir até o mistério de Deus” (29 ON, 7).

3. Apresentar sempre a vocação como relação, como comunhão, dando muito valor à experiência e a espiritualidade (Jo 1,39; Mc 3,14).
4. Trabalhar bem o humano e o cristão antes de partir para a questão das vocações específicas. Atenção particular deve ser dada ao comportamento problemático das famílias, a fragilidade psicológica dos jovens, ao medo do empenho definitivo, ao prolongamento da adolescência e os problemas conexos (ct. DPVIP, 73—76).
5. Dar mais atenção à questão da inculturação e da modernidade. “Há fenômenos gerais que influem sobre as vocações, sobretudo no mundo ocidental [...] O tempo em que vivemos e considerado como período de transição, caracterizado por isso por atitudes ambivalentes e contraditórias. As transformações profundas da sociedade revelam por um lado a inadaptação das culturas tradicionais e por outro a necessidade inquieta de novos projetos da existência humana” (DPVIP, 71).
6. Definir melhor o específico de cada vocação, dando real valor ao protagonismo dos leigos. isto significa também a necessidade de se encontrar uma metodologia adequada para cada época, situação, lugar e grupo de pessoas. Ou seja, “a necessidade de realizar um notável esforço no sentido duma sintonia com a mentalidade dos jovens para transmitir a mensagem vocacional” (DPVIP, 66). Trata-se da questão tão delicada da comunicação com a juventude. “Os próprios animadores vocacionais usam muitas vezes uma linguagem que os jovens não conseguem compreender porque está fora dos seus esquemas mentais” (Ib., 72).
7. Neste esforço de procurar entender o específico de cada vocação, evitar o “reducionismo vocacional”, ou seja, aquela ten-

dência ainda presente em certos setores da Igreja de confundir PV com “Obra das Vocações Sacerdotais”. Foi, por exemplo, o caso de Santo Domingo (cf. SD 79-82).

8. Por isso trabalhar para que a PV não seja mais uma “pastoral setorial”, mas a coluna vertebral de toda a pastoral de uma Igreja particular (cf. DPVIP, 44-45).
9. Daqui, pois, a necessidade de uma maior interação entre a PV e outras pastorais, especialmente a Pastoral da Juventude e a Pastoral Familiar, lembrando porém o princípio acima, isto é, que a PV não faça parte de um conjunto de pastorais, mas da pastoral de conjunto (cf. *ib.*, 45).
10. Diante destes desafios, percebe-se que o(a) animador(a) vocacional não pode ser improvisado e nem improvisar. “A falta de preparação dos animadores e dos formadores é um dos problemas que exigem uma solução irrevogável” (*Ib.*, 38). Em muitos lugares a PV está reduzida “a algumas atividades programadas com bom interesse, mas também com muita improvisação” (*Ib.*, 37).



CELEBRAÇÃO VOCACIONAL

Celebração do Beato Justino Russolillo da Santíssima Trindade

Genailton de Oliveira Araujo SDV

(para favorecer o ambiente, propomos colocar a vista de todos uma imagem ou quadro do Pe. Justino)

Animador (a): Amados irmãos e irmãs, Jesus Maria e José! A nossa Congregação Vocacionista está completando 100 anos de fundação. Isso se deve ao padre Justino Russolillo que sensibilizado com os meninos pobres, ajudou-os a descobrirem suas vocações e a darem o sim aos apelos do Senhor. Com isso, celebremos com alegria em louvor ao padre Justino, nosso Pai fundador.

Invocação da Santíssima Trindade: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Canto: Um dom, uma dor, um clamor (Camila; CD: Bem Aventurado Justino: Uma vida pelas vocações!).

Aclamação do Evangelho

Evangelho narrado por Marcos 10,35-45 (pode ser o **Evangelho do dia**)

(Após a leitura do Evangelho, fazer um momento do silêncio para interiorização da Palavra. Em seguida motivar a partilha por parte dos membros ou a reflexão feita por alguém previamente preparado para este momento)

Animador (a): Caríssimos, assim como o Filho do Homem não veio

para ser servido e sim para servir, ele nos convida a fazer o mesmo em nosso cotidiano, pois agindo desse modo, vamo-nos tornar verdadeiros cristãos. Mas para isso, precisamos ser humildes, pessoas capazes de abrir mão dos nossos interesses pessoais, ambições e etc.; agindo assim, vamos de fato testemunhar cristo ao mundo, a dar a eles o que tanto precisam: esperança, misericórdia, Fé, amor e etc.

Todos: Fazei-nos servidores Senhor.

Animador (a): Temos como bom exemplo o padre Justino, que renunciou a si mesmo, os seus planos pessoais, suas vontades, para servir inteiramente as vocações, principalmente às pessoas com baixas condições financeiras daquela época na Itália, aos quais não tinham dinheiros o suficiente para estudar em um seminário. Todavia, é importante dizer que na vida missionária de Dom Justino, não foi fácil como pensamos, pois ele passou por muitas dificuldades, ao qual, entristecia-o com as falcas calunias que falavam sobre ele, porém, Justino não desanimou, pois era um homem de Fé, uma pessoa temente a Deus.

Todos: Fazei-nos servidores Senhor.

Animador (a): O padre Justino mesmo sendo o fundador da congregação, nunca se a achou grandioso diante dos irmãos de comunidade, sempre foi humilde e atencioso com todos; e isso é extraordinário! O que lhe tornava grandioso não era o seu cargo que exercia na congregação, e sim, o exemplo de vida, sua ascese, sua espiritualidade, o zelo pela liturgia e pelas vocações. Graças as suas virtudes, a sua fé e dedicação, que a congregação Vocacionista atualmente, está presente em varias partes do mundo, servindo as vocações para a Igreja.

Todos: Fazei-nos servidores Senhor.

Animador (a): E nós, o que fazemos para ajudar no serviço as vocações? Queremos ser servir ou servido?

Todos: Fazei-nos servidores Senhor.

Animador (a): Acreditando que, uma vez na casa do Pai, o padre Justino intercede por nós, especialmente para continuarmos sua obra pelas vocações, apresentemos nossas preces espontâneas à **Trindade Santa**.

A cada prece todos respondem: **Beato Justino Russolillo interceda por nós.**

Concluindo nossas preces, rezemos a **Ladainha do Bem Aventurado Justino Russolillo**

Senhor tende piedade de nós

Jesus Cristo tende piedade de nós

Senhor tende piedade de nós

Jesus Cristo ouvi-nos

Jesus Cristo atendei-nos

Deus Pai do Céu tende piedade de nós

Deus Filho Redentor do mundo tende piedade de nós

Deus Espírito Santo tende piedade de nós

SS. Trindade que sois um só Deus tende piedade de nós

Bem Aventurado Justino amante da SS. Trindade **Rogai por nós**

Bem Aventurado Justino servo do Pai

Bem Aventurado Justino servo do verbo feito carne
Bem Aventurado Justino servo do Espírito Santo
Bem Aventurado Justino servo de Maria sempre Virgem
Bem Aventurado Justino servo de Maria Celeste Superiora
Bem Aventurado Justino servo das Divinas Vocações
Bem Aventurado Justino servo dos sete Espíritos Assistentes ao trono de Deus
Bem Aventurado Justino servo dos Coros Angélicos
Bem Aventurado Justino servo dos Anjos da Guarda
Bem Aventurado Justino servo da misericórdia
Bem Aventurado Justino cultivador das santas inspirações
Bem Aventurado Justino adorador do Preciosismo Sangue
Bem Aventurado Justino amante da Liturgia
Bem Aventurado Justino amante do Sagrado Coração
Bem Aventurado Justino amante do Coração Imaculado
Bem Aventurado Justino apóstolo do catecismo
Bem Aventurado Justino apóstolo dos adolescentes
Bem Aventurado Justino apóstolos dos jovens
Bem Aventurado Justino apóstolo das Divinas Vocações
Bem Aventurado Justino evangelizador da União Divina
Bem Aventurado Justino promotor da Santificação Universal

Bem Aventurado Justino promotor da Santidade Sacerdotal

Bem Aventurado Justino promotor da União Divina

Bem Aventurado Justino fundador dos religiosos(as) e das Apóstolas Vocacionistas

Bem Aventurado Justino ministro da Igreja

Bem Aventurado Justino rico dos carismas

Bem Aventurado Justino operador dos prodígios

Bem Aventurado Justino intercessor pelos doentes

Bem Aventurado Justino perscrutador das mentes e dos corações

Bem Aventurado Justino exemplar da Cruz

Bem Aventurado Justino espelho da caridade

Bem Aventurado Justino espelho da renúncia

Bem Aventurado Justino espelho da mortificação

Bem Aventurado Justino espelho da vida Evangélica

Bem Aventurado Justino espelho da perfeita obediência

Bem Aventurado Justino espelho de pureza sacerdotal

Bem Aventurado Justino espelho da contemplação

Sede-nos propício Ouvimos Senhor

Na tua misericórdia salvai-nos Senhor

De todo mal

De todo pecado

Da insídia do demônio

Da morte eterna

Pelos méritos do bem Aventurado Justino salvai-nos Senhor

Pelo seu ardente amor

Pelo seu incansável zelo

Pela sua extraordinária laboriosidade

Pela sua penitencia

Pela sua voluntária pobreza

Pela sua perpétua castidade

Pela sua perfeita obediência

Pela sua profunda humildade

Pela sua preciosa constância

Por todas as outras virtudes

Pelos méritos de todos os Vocacionistas vivos e falecidos salvai-nos Senhor

Pelos méritos de todos os benfeitores vivos e falecidos Salvai-nos Senhor

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo Perdoai-nos Senhor

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo Ouvi-nos Senhor

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo Tende piedade de nós

Rogai por nós Bem Aventurado Justino.

Para que sejamos das promessas de Cristo. Amem!

Oração: Ó Deus Eterno e todo Poderoso, abençoai todas as vocações, para que elas possam viver com fidelidade a vocação e missão aos quais abraçaram,,por cristo senhor nosso, Amem.

Bênção final.

Canto final: Hino ao apóstolo das vocações (Padre Carlos Valério, SDV; CD: Bem Aventurado Justino: Uma vida pelas vocações).





Espírito



70 Anos de Brasil
100 Anos de Fundação